

ESPECIAL REPORTAGEM DE HOJE É A NONA DA SÉRIE DO CADERNO DOIS SOBRE A PRODUÇÃO CULTURAL DO INTERIOR DO ESPÍRITO SANTO

Muqui redescobre suas raízes entre casarões, Boi-Pintadinho e Folia de Reis

AS09701

Cidade reforça sua identidade por meio do resgate do folclore

MARCELO PEREIRA
mvitoria@redgazeta.com.br

Quando o Boi Pintadinho vai, Muqui vai atrás. E não é exagero. A cidade, que fica a 162 quilômetros ao sul de Vitória, famosa pelos seus casarões antigos do tempo da riqueza do café, redescobriu a alegria de um carnaval animado por sua "boiada" colorida. Os "animais" são os boizinhos, feitos de armação metálica e tecidos coloridos, lembrando o bumba-meuboi do Maranhão. Eles evoluem amparados por um conjunto percussivo que lembra samba e congo e que não é nem um nem outro, durante o carnaval.

A Festa do Boi-Pintadinho, uma das principais manifestações folclóricas de Muqui, é um dos destaques da nona reportagem do *Caderno Dois* sobre a produção cultural dos municípios do interior do Estado. A cidade, aliás, redescobre suas raízes e produz cultura a partir dela.

O organizador do Grupo Boi Flagelado de Duas Cabeças, Mário Lúcio Rosa, 34 anos, sabe o que é essa redescoberta. "Antes o Boi era discriminado. Hoje, temos que fazer um dia de preparação por causa de tanta gente que vem para a festa", compara.

E ele não exagera. O pessoal gosta de brincar, pular e dançar na frente da boiada. Movido a muita pinga da terra,

vinda de Portugal, e que saúda o nascimento de Jesus Cristo, conta com uma figura inusitada acompanhando o grupo de cantores: o palhaço. É um participante que segue a folia anônimo, sob uma máscara. Ele propõe desafios aos foliões, com versos para confundir os fiéis na caminhada até Belém, mas sai derrotado no final.

Atenta aos detalhes do figurino, a aposentada Juracy Oliveira, 71, compõe bonequinhos a partir desta tradição. "Eu já fazia bonecos antes e passei a experimentar os de folclore. As pessoas gostaram e não parei mais", observa. Para a artesã, vale tudo para preservar o folclore. "As folias vão ficando como lembranças para os adultos e como brinquedos para as crianças. Assim elas não serão esquecidas", julga.

DOCES. Se a valorização cultural passa pela brincadeira, nada impede que passe também pela boca. E que seja doce. A empresária e doceira Sonisa Berilli, 38, sabe o que é isso. Ela e os irmãos mantêm viva a fábrica Berilli, fundada por seu avô há 40 anos. "Exportamos Muqui para o Estado e ele viaja em mais de 30 variedades de doces, além de licores e biscoitos", aponta.

Muqui ainda guarda o passado preservado nas suas construções. Algumas estimulam a imaginação. Como o sobrado da fazenda Santa Rita, construído em 1860 e que abrigou três gerações da família da artista plástica Nélia Monteiro Lobato, 66. Hoje o local é uma pousada com mobília original. Ex-moradora de Vitória, Nélia é filha da terra e voltou há 10 anos para lá. "Muqui é como um presépio particular. Aqui tudo inspira", observa.



BELEZA. O casarão da fazenda Santa Rita, em Muqui, é de 1860. Na cidade é comum encontrar casas históricas em bom estado de conservação. FOTOS: GILDO LOYOLA



TRADIÇÃO. A artesã Juracy Oliveira e o líder do Grupo Boi Flagelado de Duas Cabeças, Mário Rosa, produzem cultura a partir do folclore

çar na frente da boiada. Movido a muita pinga da terra. “Boi sem álcool não anda”, brinca, comemorando a adesão maciça de outros 16 grupos de bois, prontos para invadir a avenida no carnaval fora de época, em outubro.

Outra manifestação que estimula a produção de arte e cultura do povo é a tradicional Folia de Reis. A tradição,

anos para lá. “Muqui é como um presépio particular. Aqui tudo inspira”, observa.

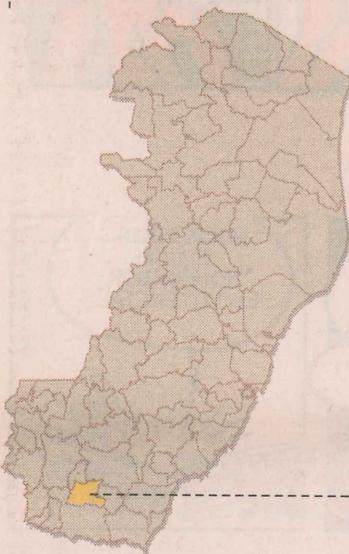
TRADIÇÃO. A artesã Juracy Oliveira e o líder do Grupo Boi Flagelado de Duas Cabeças, Mário Rosa, produzem cultura a partir do folclore



EXPORTAÇÃO. A empresária e doceira Sonisa Berilli mantém a fábrica fundada pelo avô e espalha a fama de Muqui pelo Estado por meio de seus doces



INSPIRAÇÃO. A artista plástica Nélia Monteiro Lobato faz de Muqui um objeto constante em sua arte



Rica no tempo de ouro do café

Ao chegar a **Muqui** (na língua indígena, “entre montanhas”), chama logo a atenção o seu extenso sítio arquitetônico composto por sobrados e casarões construídos a partir das riquezas vindas do café. Os barões e senhores do chamado “ouro verde” não economizavam na decoração de suas casas. Quem agradece são os moradores do século XXI, que podem usar a restauração dos casarões em art-nouveau e estilo eclético como atração turística. A cidade caiu em decadência com a crise mundial de 1929. O município foi criado em 1912 e conta atualmente com 13.670 habitantes.